

## **Corpo da modernidade: Lugar da condenação e da salvação do indivíduo**

*Bárbara Nascimento Duarte*

**RESUMO:** O Humanismo e a Modernidade abriram uma brecha para se conceber o corpo: separado do cosmos e representante da unidade individual. Porém, o discurso científico da modernidade suspeita desse corpo e o coloca como simples suporte da pessoa, objeto à disposição sobre o qual se deve trabalhar a fim de seu aperfeiçoamento, uma matéria- prima na qual se dilui a identidade pessoal, e não uma raiz a priori da identidade do homem. Atentando-se a isso, surgem formas inéditas com o avanço da tecnociência que auxiliam o indivíduo a se construir na sociedade. Ao indicar alguns dos paradoxos da modernidade como proposta metodológica sugerida por Latour, esse trabalho perpassará teoricamente o discurso atual e legitimado de americanização do mundo que faz apologia a um corpo *alter ego*, proposto por Le Breton, discorrendo brevemente sobre o bodybusiness. Trata-se, dissimuladamente, da redistribuição das coações da ética puritana de salvação individual através da autodisciplina do corpo conjugado com o progresso da ciência que se apresentam sob o signo de uma promessa messiânica: o corpo é a verdade e o único caminho. Portanto, investir no invólucro corporal é a forma pelo indivíduo carente de referências sociais alcançarem sua interioridade, através de um constante esforço de exterioridade. **Palavras-chave:** Modernidade, *body business*, *alter ego*.

## **1. A transição para o corpo na Modernidade**

Marcada pelo Humanismo, que possibilitou a abertura de novos caminhos para os indivíduos apreenderem e lidarem com seus corpos, a Modernidade foi um movimento que rompeu com o pensamento medieval, com o teocentrismo e com a Igreja, deu início a uma nova configuração de compreensão dos homens e de suas ações, que a partir daquele momento deveriam ser orientados em todos seus comportamentos pela busca da razão, progressiva racionalização, que os guiariam aos caminhos da liberdade e felicidade. História foi composta por homens de “progresso” e de “tradição”, “modernos” e “antigos”, precursora das atividades definidas como racionais, científicas, tecnológicas, administrativas, se arraigou em diversos setores da vida social a fim de trazer o progresso técnico, a liberação das necessidades, o triunfo da razão, a diferenciação econômica e administrativa, que teve como resultado o moderno Estado capitalista- industrial (Featherstone, 1995). Marco de um novo Regime, representou uma aceleração que só se viabilizou ao romper com o passado “arcaico”, “tradicional” e “estável”, assinalando, para os modernos, um combate onde estes pensam haver vencidos – o tradicionalismo

– e os vencedores (Latour, 1994). Estabelecendo um jogo que consiste na separação da representação das coisas do poder político, este último o representante dos sujeitos, a constituição dos modernos pensa ter separado cuidadosamente ambos, assim como separou a noção de natureza e cultura – elemento criado pelo afastamento da natureza que gerou a noção de “outros” e o nosso choque com “eles”, decorrência da apropriação (não tão) cautelosa dos modernos que não permitiu qualquer tipo de combinação, nenhum hibridismo, pelo menos com o que pensam.

Nesse contexto, Buscando libertar o homem do dualismo cartesiano, que depreciava o valor do corpo em detrimento da alma, parte das concepções da Idade Média, livrar a sociedade

do domínio dos ensinamentos da Igreja, sobretudo, do direito desta de legislar sobre a vida dos indivíduos, negou no homem a existência de Deus, ação fundamental para o avanço e permanência dos modernos. Foi imperativo afastar Deus tanto das leis da natureza bem como das leis da sociedade, concedendo-lhe uma imagem transcendente, separado do domínio dos homens, no entanto, disponível em caso de conflitos entre

os dois pólos criados pelos modernos (Latour,1994). Substituindo o sujeito e Deus, a meditação sobre o valor da alma, institui-se um corpo-sujeito incumbido aos cuidados da medicina, que se dedicará à dissecação de cadáveres e estudo das sinapses do cérebro, possibilitando um novo conceito de homem. Correspondente às suas obras, o ator social se insere num pensamento dominado pela busca da liberdade e prazer, pois conquanto antes da modernidade negava-se o corpo, o trajeto oposto toma lugar com essas mudanças. A questão do corpo não era colocada individualmente na Idade Média, uma vez que os homens viviam numa comunidade hierarquizada, parte de uma grande coletividade: a Igreja. Le Breton (2008b) afirma que foi a partir do Humanismo que se deu o início do processo de rompimento, não energicamente, essa concepção de homem anexado à coletividade, o que levou a emergir as primeiras formas de individualismo, a individuação, e o corpo deixou aos poucos de ser motivo de inclusão para ser o de separação entre um indivíduo e outro. O individualismo torna o homem como categoria dominante. A sociedade medieval não aceitou a ruptura entre o homem e seu corpo, entre o homem e o cosmos, entre o

homem e o mundo, pois este era seu principal representante num mundo submerso pela transcendência cristã. Aos poucos, com a ascensão do individualismo, cujos principais defensores eram a elite intelectual, burguesia e os reformadores, o tipo de dualismo ao qual o homem é confrontado vai assumindo novas facetas. Tentando se livrar da oposição encontrada na perspectiva religiosa, surge um dualismo que é resultado do rompimento da solidariedade que unia o indivíduo à coletividade, numa versão moderna - o homem versus seu corpo.

A modernidade foi, efetivamente, mais uma força acrescentada a outras, e por muito tempo esteve em seu controle o poder de representação, todavia não tão vigoroso agora (Latour, 1994). Com o espaço comunitário tornando-se mais estreito e perdendo sua força, tanto quanto o sentimento de pertencimento à coletividade, o homem encontra-se cada vez mais livre no para extrair suas convicções pessoais e autonomia em suas ações no mundo. Seu destino não se encontra mais nas mãos de um Deus soberano, legislador sobre o querer e o destino do homem. O homem passa a ser visto o construtor de seu destino e responsável pela forma e sentido vai dar

a sociedade em que vive. Para Le Breton “a liberação do religioso leva à consciência a responsabilidade pessoal, e logo conduzirá, com o nascimento da democracia, à liberação do político” (2008b, p.41). O Humanismo é a abertura de uma lacuna fundamental para os anatomistas inventarem o conceito de corpo com o qual nós vivemos na contemporaneidade, diz Le Breton, o que é dizer um corpo não anexado à pessoa, ao cosmos, à comunidade, sim fruto da razão, do progresso da ciência, que não possui nada além de um valor anedótico de encarnação provisória da pessoa, um amontoado de carne consagrada ao apodrecimento depois da morte (Lévy, 2010). Como durante e antes da Idade Média o homem não estava separado de seu corpo, na realidade, este não possuía um corpo, não era nem mais nem menos singular entre toda a comunidade, mesmo a menor intervenção que fosse realizada no nesta era proibido, uma violação do ser humano, da criatura perfeitamente criada à imagem e semelhança de Deus. As transformações oriundas de uma nova maneira de conceber o mundo, o desenvolvimento do pensamento crítico, o enfraquecimento da Igreja Católica e a posterior Reforma Protestante que

nos Estados Unidos encontrou o campo apropriado para o desenvolvimento da ética puritana, foram indubitavelmente indispensáveis para o progresso da noção atual da corporalidade.

A partir do compromisso estabelecido pela puritanismo norte-americano, baseado num reforço disciplinar, intensificação dos controles e da autodisciplina, se instaurou a chamada “cultura do corpo”. Após a Guerra Civil Americana, ou Guerra de Secessão que ocorreu entre os anos de 1861 e 1865, surgiu uma proposta para a sociedade americana de uma vida mais saudável, menos sedentária que gerava males à saúde e já dominavam os americanos devido à urbanização e à modernização, juntamente com a emergência das práticas esportivas, a ética puritana, disfarçada de um individualismo disciplinado, aliou a atividade física a uma educação moral, vista como necessária para a sociedade que dia após dias se industrializava. De tal forma, a base moral puritana passou a coexistir com os desejos de competição e busca do prazer através da atividade física. O discurso médico se inseria nesse artifício legitimando o corpo como um processo no qual qualquer intervenção que se considerasse necessária poderia ser feita, ao mesmo tempo em

que se desenvolvia o sentimento de gratificação pessoal gerado do próprio corpo disciplinado (Sant'anna, 1995). Os significados espirituais não coexistiram por muito tempo com a preocupação do auto cuidado corporal, inversamente, ao perder sua essência seu lugar foi ocupado pela obsessão à saúde acoplada à insaciável busca de purificação. Courtine relembra que nos Estados Unidos com a cultura do corpo o que passou a existir foi uma nova distribuição das coações, não o desaparecimento total da interdição puritana, uma vez que “a cultura do corpo é uma das formas essenciais de compromisso estabelecido pela ética puritana com as necessidades de uma sociedade de consumo de massa” (Sant'anna, 1995, p.102).

## **2. Corpo contemporâneo**

Sant'anna pontua que as novas racionalizações na era da ciência, do progresso e do consumo, conjecturaram o corpo como instrumento para o estabelecimento das relações sociais, tendo como base a tríade religião-saúde-comércio para a racionalidade das práticas contemporâneas relativas ao corpo. À medida que novos esforços eram feitos para conquistar a saúde e o bem-estar, todos os esforços convergiam para dissolver a

velhice, sinônimo de fracasso e indisciplina, pois o sonho da saúde implica numa

[...]utopia do corpo; a saúde perfeita solicita um corpo, senão perfeito, pelo menos glorioso, ou seja, um corpo revisto e corrigido pelas instâncias religiosas do mundo pós-moderno, isto é, aqui, os engenheiros biológicos, médicos ou pesquisadores, que encarnam a mitologia flamejante dessa virada de século. (Le Breton, 2008a, p. 225- 226)

Envelhecer é um fato biológico e gera consequências também psicológicas. Trata-se da limitação das capacidade, do furto da agilidade necessária à ação e da degradação do aspecto físico do ser (Andrieu, 2004). O envelhecimento é sobrecarregado de um estigma, é visto como uma degenerescência. Percebido como um corpo gasto nega os valores exaltados da contemporaneidade que consiste na beleza, juventude, sedução, vitalidade, por isso, é por muitos visto como uma calamidades que se deve retardar, esconder, principalmente do outros. A sociedade que cultua a juventude e sua vitalidade não consegue aceitar o fato de envelhecer. E tudo o que até hoje a medicina conseguiu fazer para minimizar os efeitos dessa fatalidade é tornar mais lento as marcas perceptíveis desse evento no

corpo, de fato, não mede esforços para que as marcas da idade não sejam de todo registradas. O envelhecimento deve ser negado no corpo, incorrendo no risco do indivíduo ser colocado a separado da sociedade, pois a velhice remete à precariedade, denuncia a fragilidade da qual consiste a humanidade. Junto a isso, aconselha comportamentos saudios ao longo da vida a fim de preservar ao máximo o ar e o ânimo da juventude, incentiva um envelhecimento saudável, com qualidade de vida. Na tentativa de prolongar a vida, o indivíduo é aconselhado a atividades físicas regulares, alimentação adequada, atividades para agilizar o raciocínio, a fim de se viver a “melhor idade”, dizem os *slogans*. Sem esquecer que o discurso do marketing afirma ser impensável o indivíduo que possui tantos recursos ao seu entorno, no mercado, deixar que os sinais dos anos cronológicos tornem-se visíveis no rosto e corpo (Le Breton, 2010c). Já disse Yves-Saint-Laurent “Antigamente uma filha queria se parecer com sua mãe. Atualmente é o contrário que acontece” (Lipovetsky, 2004). Tratando do envelhecimento como uma fatalidade da natureza, Andrieu (2004) acredita que “cada um encontra em si a parte das suas escolhas corporais (risco,

consumo excessivo), a influência de causas exteriores (vírus, ambiente, relações) e o que é da esfera do determinismo estritamente genético. [...] Compete ao homem dar sentido a isso mesmo que parece condená-lo” (p.115).

A tradição constitucional americana, a primeira da era moderna, assegura aos indivíduos o direito à procura da felicidade, com a consequente limitação do poder e ação Estatal. Aos poucos, assegurando a usufruição desse objetivo cujo final era a felicidade, a sociedade Ocidental passou a desvalorizar suas referências institucionais tradicionais e centrou-se na busca do prazer para o homem. Como consequência, gerou uma carência na vida do indivíduo em relação ao sentido de sua existência, tornando sua vida bem mais difícil. Encontrando diante de si o sentimento do vazio, as angústias da ausência e a falta da crença nas instituições sociais, nem elas mesmo acreditam mais em si, o sujeito percebe-se à deriva. Nas incertezas e na liberdade oferecida pela sociedade, na limitação das intervenções do Estado, nas dúvidas e na necessidade de integração, ao se perceber como um ser inacabado, incompleto, o indivíduo é convocado a encontrar soluções pessoais e a tendência é que

ele se apegue ao seu corpo, a única certeza que tem. O sujeito é fadado, na modernidade, a alienação em si mesmo, tendo como referência a própria subjetividade. Não é sem necessidade dizer que a caminhada quase autônoma do indivíduo gera muitas consequências culturais e sociais, principalmente na geração dos sentidos e dos valores que são disseminados e que não unificam a trama social realmente. A cada novo passo dado novas demandas individuais e sociais surgem, gerando interrupções, questionamentos, revisões pessoais e novos posicionamentos que perturbam o sistema de valores coletivos em via de se firmar (Le Breton, 2008b). Ressalta-se também uma ambiguidade que perfaz o individualismo. Consistindo em ao mesmo tempo instigar o indivíduo a buscar a diferenciação, no contexto em que “[...] esta pessoa, esta instância perdida que tem de „personalizar-se“. Este ser perdido é que tenta reconstruir-se *in abstracto* pela força dos signos, no leque desmultiplicado das diferenças, no mercado [...]” (p.88), essa personalização, prossegue Baudrillard, não opõe os indivíduos logo que não se trata de diferenças reais, porém “diferenças personalizantes”. Refere-se a modelos que convergem para a reprodução,

atuando como referências qualificadas, produto da lógica do consumo que se desdobra na relação para com o corpo na contemporaneidade.

O homem moderno encontra-se num contexto no qual é exigido de si constante redefinição e o corpo nessa cultura contemporânea é o responsável por registrar essas alterações, e torna-se objeto para se redefinir a identidade individual, atualmente plástica, superficial, cujo mais profundo do indivíduo é a pele. A apropriação de uma identidade baseada na corporalidade é fundamental para a produção e experiência da pessoa (Csordas, 1994; Le Breton, 2008a). Baseado nesse novo arranjo das identidades, um dos legados da modernidade foi a instauração de um critério classificador e selecionador fundado no corpo, emblema de si próprio. Do corpo ferramenta de Mauss ao corpo patrimônio de Le Breton, todo investimento é válido a fim de que este obtenha o máximo de seu desempenho.

### **3. Corpo rascunho e corpo *alter ego* no extremo contemporâneo**

Falar do corpo-sujeito é tratar da “inteligência do mundo”, da medida do indivíduo, da rede de significados criadas para atrelar significados e levar o homem a conhecer a si. Constante atualizador

dos signos que dão sentido à sua existência, o indivíduo tornou-se responsável pelo seu sucesso ou fracasso corporal, reafirmando a extrema centralização sobre si, proposta moderna que, como ressaltado, cedeu lugar às ações dos sujeitos, concedendo-lhes liberdade de escolha e de ação. A subjetivação anterior à modernidade submetia os indivíduos aos valores transcendentes, a novidade da modernização fundamentou o homem como valor em si, moralizando a liberdade, conferindo autonomia à criatividade cujo fim igualmente se encontra em si mesmo, opondo-se a qualquer forma de dependência (Touraine, 1995). O crescimento do investimento no corpo pode ser entendido a partir do declínio das referências sociais, das Instituições que forneciam significados a vida dos indivíduos. No combate à inoperância destas, o indivíduo teve que buscar uma base segura, sólida e necessária para constituir-se, encontrar uma fonte para estabelecer sua identidade e dar sentido a sua essa existência. A falta de sentido que o indivíduo encontrou quando todos os valores da tradição foram rompidos possibilitou que este se percebesse num meio sem referências, melhor dito, cuja única referência era sua liberdade, o que levou o

indivíduo a ancorar em si, sobre sua individualidade, o que deveria ser imputado e fornecido pela sociedade. Os laços sociais se tornaram mais tênues e limitou a compreensão do sujeito de si mesmo.

A modernidade proporcionou uma experiência humana fragmentada, exigindo cada vez mais recursos sociais dos indivíduos que não se sentem mais à altura (Le Breton, 2008a). Envolto num mundo contraditório, livre para legislar sobre suas ações, entretanto sem saber exatamente em que sentido caminhar, os indivíduos procuram uma construção identitária o mais pessoal possível, buscando em si o que outrora obtinham da interação social e das Instituições, tornando-se o fundamento de valores e princípio de moralidade (Touraine, 1995). Avaliando a carência de sentidos proporcionados pela sociedade, na crise dos investimentos simbólicos, é fisicamente que o homem esperar encontrar os valores que guiarão a sociedade a um novo comportamento, uma nova moral e ética, radicada na perfeição corporal. O próprio indivíduo é a referência, não absoluta, e quase tudo é permitido quando enquadrado na coerência do sistema. Novamente, a lógica estrutural da diferenciação que faz que os

indivíduos ao mesmo tempo busquem a singularidade e se conformem com os modelos e os códigos propostos. Confere-se uma margem de autonomia individual para que o indivíduo possa interferir em seu corpo, já que

[...] a perda da legitimidade dos pontos de referência, dos sentidos e dos valores e sua equivalência geral em uma sociedade em que tudo é provisório, revolucionaram os marcos sociais e culturais. A margem de autonomia do ator se incrementa, mas implica o medo e o sentimento do vazio. Hoje vivemos em uma sociedade problemática, propícia ao caos ou à iniciativa, uma sociedade que trabalha constantemente, onde o exercício da autonomia pessoal dispõe de uma latitude considerável. (Le Breton, 2002, p. 92-93).

Como forma de rearranjar o espaço social, a busca pelo controle do corpo é basal no sentido de ser a matriz para o estabelecimento das relações sociais que se dá por meio da produção pessoal, da experiência corporal, do desempenho do eu. A modernidade constituiu sujeitos que se encontram apoiados e centrados em si e em suas relações interpessoais, ansiando constantemente pela auto-realização e a formação da auto-identidade. O que está em risco ao se preocupar com o invólucro corporal é a existência do sujeito na sociedade, é sua presença no mundo. Neste

corpo identitário, contudo ainda imperfeito, vislumbra-se a fragilidade e as precariedades da humanidade. Como o corpo não é mais o sujeito e o dualismo não está inscrito mais na metafísica, “mas decide sobre o concreto da existência e funciona como uma paradigm

da ação médica, então tudo é permitido. O corpo é um jogo de armar, suscetível a todos os arranjos de combinações insólitas com os outros corpos, ou a experimentações surpreendentes” (Sant’anna, 1995, p.61), este encontra-se aberto à maleabilidade do que é percebido como totalmente seu, locus de escrita do discurso que o indivíduo deseja reportar ao mundo, trata-se de uma “ilusão corporal” (Andrieu, 2004, 2008). A luta está travada e revela que o anseio e o esforço do indivíduo pela busca da perfeição corporal e revela o maior dilema da humanidade: novamente, encarar a morte.

Le Breton propõe dois caminhos para o corpo na contemporaneidade. Em direção ao primeiro, o corpo é tratado como um membro supranumerário do indivíduo, a parte maldita e estorvante que deve ser alterada, quando não substituída. Pensando-se fora da cultura, detentora do saber, do conhecimento científico, portanto, tido por

muitos como intocável, a biomedicina trata o corpo como um feixe de informações a respeito do sujeito e seu desenvolvimento genético, e a redução do indivíduo a este código gera desdobramentos morais e práticos que não tem retorno. Leva ao sentimento de indiferença que “destrói as distinções de valor entre o homem e seus instrumentos e introduz uma mudança moral considerável” (Le Breton, 2008a, p.103). Fonte da legitimidade para o desenvolvimento de projetos que buscam, entre outros:mapear o código genético, aprimorar as técnicas da fertilização in vitro, clonar. Por esse caminho, a todo momento o corpo é visto em decorrência de suas limitações, o corpo que falha, o corpo limitado aos genes, à interação entre as moléculas, que não corresponde às expectativas sociais, que necessita das intervenções científicas para acabar com as suas impossibilidades e possibilitar uma humanidade plena. No mundo virtual experimenta-se um corpo vestígio nas relações que são estabelecidas, a distância espacial dos indivíduos, a virtualidade e ausência do corpo são a possibilidade para a vivência de inúmeras identidades que, para ser criada e experimentada, só depende de equipamento específicos, o que

tem gerado, por um momento, o sentimento de libertação do corpo tanto quanto a possibilidade de viver um mundo de representação, melhor dito, no mundo da representação.

Em direção ao segundo caminho percebe-se a oposição e mais uma vez as ambiguidades das quais o corpo é passível. Este projeto de corpo resume-se na junção de esforços empreendidos para se alcançar um objetivo que funda-se em moldar o corpo para construir, reconstruir, alterar um eu, a identidade individual, essencial na reflexividade moderna (Brumberg,1997). Não tem fim em si mesmo, mas relaciona-se com a preocupação e a responsabilidade contemporânea em produzir e controlar as relações pessoais através do corpo, a fim de permitir que os indivíduos se insiram nas relações sociais via constante produção e adaptação da identidade individual. Nessa perspectiva o corpo não é o lugar da condenação, sim o da salvação, de uma nova possibilidade de manifestação do eu, uma nova forma de se reportar ao mundo, por isso, é digno de todo investimento proposto pelo capitalismo e de toda preocupação com seu bem estar, sobressaindo a obsessão pela aparência, boa forma, saúde e juventude, qualitativos

estimados pela contemporaneidade. O que há em comum entre os dois caminhos é a distância com a qual se encara esse corpo, um em si mesmo, desprendido do sujeito, de sua individualidade, personalidade. A forma encontrada para se salvar na sociedade não impede, paradoxalmente, que este corpo atue ao mesmo tempo como alter ego, sócio, rascunho, objeto que pode ser manipulado, retocado, alterado, sem limitações, como um outro diferente do indivíduo. Ao contrário, tudo isso colabora para que o valor do corpo se torne mais flexível dependendo da necessidade, que este, assumindo significados diversos, não aponte para as contradições tão evidentes. O corpo torna-se um jogo que pode ter suas peças alteradas, substituídas, melhoradas. Este corpo não é *a priori* identidade absoluta do indivíduo, ao contrário, é um corpo fragmentado mas que servirá de auxílio para a definição do eu após os diversos trabalhos ao qual ele deverá se submeter. Num momento é um corpo maldito, num outro o corpo da remissão do indivíduo; a medida que perde seu valor moral aumenta seu valor comercial, valor este altíssimo.

Tratamos na modernidade de um homem “reduzido ao corpo, o corpo convertido em um

instrumento, sem faltas, o corpo reprimido volta de uma maneira ou de outra. As limitações da carne seguem presentes, ainda que seja como enfermidade, como depressão, como cansaço ou como acidente, ou simplesmente como o inesperado” (Le Breton, 2008b, p.239). E é deste corpo que tratamos aqui, o corpo ao mesmo tempo liberado e cativo, que diz conferir aos indivíduos total autonomia de ação mas contrange este para que opte por aderir a normas rígidas de adequação corporal, de forma não tão autônoma ou por prazer individual, mas a partir da coerção, da condenação a tudo que se aparente com descuido e relaxamento das formas corporais. Corpo que vivencia um momento de invenção, experimentação, de novas possibilidades e reflete mais um paradoxo moderno - a liberdade controlada- para Le Breton (2008a, 2008b), frequentemente numa via de mão dupla: quando é alterado altera-se a moralidade do individuo e vice-versa. Dessa mesma forma tratamos de um corpo alter ego, uma das perspectivas sobre o corpo na modernidade, de acordo com Le Breton (2008a; 2008b). É uma personalidade diferente do eu, disponível para qualquer alteração, maleável de acordo com o interesse individual. Expressão

originada do latim pode se referir na psicologia à um amigo tão próximo, leal, companheiro, que não é possível se afastar dele, podendo ser seu representante em todos os locais, ser encarregado das tarefas e papéis a ele como se fosse o próprio ego. Como se fosse um espelho do indivíduo, só que o trabalho de significação é feito neste “espelho”, a fim de refletir no indivíduo sua real intenção. Na psicologia esse alter ego encontra-se no mais profundo

do ser do indivíduo, a parte confiável da pessoa. Pensando o corpo dessa forma é dizer que a parte confiável do indivíduo é seu corpo, a essência, o representante do indivíduo limita-se a sua carne, ele é o responsável por definir o sujeito. O que coexiste na modernidade não é o dualismo entre o homem e sua alma, a versão contemporânea coloca a relação no nível do homem e seu corpo, que encontra neste último uma possibilidade de salvação, papel que antes da modernidade era conferido à alma. A alma continua existindo, mas não é capaz de trazer a salvação aqui nessa terra, de ligar os indivíduos ao mundo. A relação estabelecida é a de um corpo-sujeito, então tudo é válido para que o indivíduo encontre a tábua de salvação na sociedade desencantada.

Como o indivíduo se encontra numa época em que se vivencia crises de valores e referências na sociedade, onde se vive só no meio de uma multidão, o corpo vira “um outro” de uma mesma pessoa com qual é possível estabelecer relações mais prazerosas, íntimas ainda que estas relações levem este parceiro ao extremo. Fala-se do extremo contemporâneo. No Ocidente, os indivíduos são constantemente convocados a provar sua força, seu caráter e seus recursos pessoais através desses extremos, visto como “indo diretamente para o fim das tarefas auto-impostas oferece legitimidade para a vida e provê uma prancha simbólica na qual podem confiar. O desempenho em si mesmo é de significância secundária, ele é de valor somente para o indivíduo” (Le Breton, 2000, p.1). Quando os valores que estruturam a vida em sociedade perdem sua legitimidade surge o gosto pelo “extremo” e sua exploração, que adquirem poder e desenham um conjunto de novas práticas que tem como objetivo principal a exposição física gerada através de muito esforço e pelo “risco” (Le Breton, 2002, 2008a) como em atividades esportivas arriscadas. Os extremos moldam um mundo no qual o significado da existência está

sob o controle de cada indivíduo e propicia o contexto ideal para o comportamento oscilando entre um narcisismo às avessas, furioso, busca pelo risco e a vontade de controle absoluto do corpo e impossibilidade de ter segurança sobre o futuro, definido por Le Breton (2002) como característica da modernidade.

#### **4. Culto do corpo não natural na era da “subjetividade lixo”**

Quando se fala de culto ao corpo, deve-se ter em mente que não se trata da adoração do corpo em seu estado de natureza, este, mais do que antes, é a parte decaída. A glória do momento é atribuída ao corpo não natural, conjunto de órgãos anexados à pessoa, instância de conexão com o mundo, o corpo-descartável em constante busca de manipulação de si e ansiedade de afirmação pessoal, já que o corpo sem intervenção é desprestigiado, “encarna a parte ruim, o rascunho a ser corrigido” (Le Breton, 2008a, p.17). Na era da liberação do corpo enfatiza-se que não é qualquer corpo que está livre para se apresentar sem olhares de condenação ou reprovação. São os corpos jovens, saudáveis, magros, malhados, condenando os se apresentam de forma antagônica, símbolo de descuido e falta de

domínio de si. Como disse Andrieu, no paradoxo do corpo descobrimos que a liberação do corpo não consiste em uma liberação *para* o corpo. O culto ao corpo, conceito criado nos anos 80 pelos sociólogos Eliane Perrin e Pierre Baudry, à medida que desenvolve teorias de liberação do corpo também cria técnicas para este, que visam moldar sua matéria: o esforço, a disciplina física, os exercícios, os hábitos alimentares. Ter seu próprio corpo não passa de uma ilusão moderna (Andrieu, 2004, 2008). Os valores corporais estabelecem outras relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a autoridade social difusa, só que não menos eficaz, que instrui a forma adequada do indivíduo se relacionar com seu corpo. A paixão pelo corpo é o resultado do individualismo do Ocidente, sobretudo em sua fase narcísica e hedonista, que abriu espaço para a concentração excessiva do indivíduo em si mesmo (Le Breton, 2008a). Necessitando ser responsável com sua liberdade e ciente dos avanços da ciência, o sujeito passa a carregar o fardo de diversas imposições e demandas, o indivíduo deve cuidar para que nada o aliene em um destino funesto (Andrieu, 2004).

Um corpo rascunho, exprime Le Breton. Tanto o corpo natural quanto o social fazem parte do processo de criação individual. A identidade híbrida que caminha aos passos do avanço técnico-científico proporciona a salvação para o corpo natural imperfeito demais para continuar existindo (Le Breton, 2008a, Andrieu, 2008). É um corpo reescrito, caracterizado por sua “subjetividade lixo”, diz Le Breton, que existe numa época em que a pele, a carne, manifesta o que há de mais profundo no indivíduo, que exprime quem é o sujeito. Por isso, abre-se cada vez mais espaço para que práticas relativamente recentes e dependentes do avanço da tecnologia atuem eficazmente para a reconstrução dessa máquina corporal, defeituosa por natureza mas que pode ser aperfeiçoada devido ao progresso tecnológico. Ao mesmo tempo é um corpo acessório da presença, de valor secundário em si mesmo, palco para o espetáculo, artigo de adorno do sujeito, aberto a todo tipo de investimento que variará de acordo com os ideais almejados. Tudo é feito em nome da estética da presença (Le Breton, 2008a). O corpo não consiste somente em ser o signo dado do ser-no-mundo, da presença humana, uno com o homem como apregoava a

fenomenologia de Merleau- Ponty (2008). Le Breton nos mostra que agora o corpo é a construção do ser-no-mundo, a possibilidade do indivíduo criar e aderir ao seu eu, colocando-se fora de si para se estabelecer o self. A identidade individual, a presença do indivíduo só será reconhecida após o trabalho de re-significação do corpo, uma forma de reivindicação do eu. Não se deve ignorar essa demarcação do corpo-sujeito-objeto fornecida por Le Breton (2008a) “[...] acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento [...] um *gadget*, um lugar ideal de encenação de ‘efeitos especiais’” (p.28). Ao se perder o valor intrínseco de um objeto de consumo, este se torna um *gadget*, um emblema da sociedade pós-industrial (Baudrillard, 1995). Quiçá cada indivíduo gostaria de ter um corpo seu, e a possibilidade encontrada atualmente, a despeito do avanço da ciência no campo da genética, é submeter o corpo, a aparência a esse desenho do próprio, aderindo a uma moda efêmera - seguindo uma individualização personalizada - ou modificar o corpo de forma inédita<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Numa lista grande de exemplos pode-se incluir Etienne

Paradoxalmente, da mesma forma que todo foco é dado ao corpo, este encontra-se ausente da consciência humana no correr do dia, de maneira muito distinta dos homens que não presenciaram tão velozmente o avanço das tecnologias e da ciência. Ironicamente o corpo já teve função própria e foi mais valorizado, indispensável para a realização das atividades do cotidiano. Já o indivíduo de hoje toma consciência de seu corpo em momentos muito específicos, entre eles quando há crise, dores, impossibilidades físicas, excessos, deficiências, nas práticas esportivas ou quando há a sensação de inadequação corporal. Mas no dia-a-dia, a funcionalidade do corpo alcança um estado de discrição, não é lembrado a todo instante pois tudo é feito para poupar seu desgaste. O ideal é que o indivíduo não perceba os movimentos mínimos e automáticos, para que prenda sua atenção aos gestos mais eficazes, espetaculares,

---

Dumont, jornalista suíço que tem totalmente tatuado e com implantes de silicone e piercings, Eric Sprague, que dividiu sua língua, cerrou os dentes e cobriu seu corpo de tatuagem verdes para parecer um lagarto, e, para finalizar uma lista consideravelmente extensa, Kala Kawai, que se define como o capeta havaiano, com 67 piercings, 75 % do seu corpo tatuado, modificações feitas por ele mesmo.

que transmitem a mensagem social da autonomia do homem (Andrieu, 2004). Este corpo é entendido como automatizado, pois seu agir está muitas vezes desligado de seu pensamento. É um corpo que cumpre seu papel de forma mecânica, sem dispende muito da iniciativa individual. Aliado a isso, está disponível ao seu

redor e para sua comodidade, escadas rolantes, elevadores, carros, remédios, equipamentos que se comprometem a dar descanso ao corpo do homem já que este diariamente tem um desgaste mental intenso. O desgaste psicológico assumiu o lugar do desgaste físico e, cada dia mais, a modernidade vai se compondo de indivíduos que vivem sentados e utilizam-se muito menos de seus recursos físicos do que tem condições. A tecnologia deve servir para facilitar a vida do indivíduo, permitindo que se dedique a coisas mais importantes do que o uso do próprio corpo nas tarefas diárias. É indispensável dizer que todas essas alterações tem incidências profundas na vida do indivíduo, entre elas a intensificação da dualidade entre o indivíduo e seu corpo. Dada a quebra da unidade do indivíduo, deste é demandado se re-apropriar de sua existência a partir da criação de uma identidade nova,

transitória ou não, submetendo-se às tendências do momentos, aderindo as marcas corporais como piercings, escarificações, tatuagens à medicação orientada pelos profissionais, dietética, que buscam minimizar todo incômodo que pode ser gerado pelo corpo e interferir nas demandas diárias dos indivíduos. Intervir no corpo significa intervir na própria vida, traçar ao seu bel interesse o próprio destino. As mudanças às quais se submete o corpo é o ingresso para a modificação da orientação do sujeito, do olhar sobre si tanto quanto, principalmente, o olhar dos outros, acreditando existir plenamente e sucumbindo às pressões que traçam a consonância entre a percepção corporal e a social. As intervenções realizadas no corpo não tratam de alterações somente no organismo do indivíduo, acrescentar ou retirar uma prótese ou alguma parte do corpo que não está a contento. Trata-se de modificar, através destas, a relação que este estabelece com o mundo, de alterar sua existência, dar sentido à sua vida, de forma já mais ou menos previsível. É o desejo individual de estabelecer os limites sociais e de manter os vínculos (Douglas, 2007), de tomar consciência de si e de seu entorno, é a afirmação do valor da modernidade

que valoriza o indivíduo pelo que deseja aparentar e não pelo que de fato é, espaço inédito aberto pela modernidade que valoriza a interioridade subjetiva.

##### **5. *Body business* na sociedade do espetáculo**

Como os indivíduos geralmente se encontram bem afastados dos ideais oferecidos, os métodos de alteração corporal dos mais complexos aos mais simples adquirem sucesso como *bodybuilding*, cirurgias cosméticas, controle alimentar, ginásticas e uso de cosméticos. A fragmentação da unidade individual ocasiona diversos desdoramentos, entre estes a vivência de uma identidade revelada num corpo acessório que se submete aos designs do momento pela adoção de diversos procedimentos que modelarão o corpo matéria-prima, expressando um manifesto momentâneo de si, alterando e fornecendo o estado psicológico do indivíduo. Nesse campo, há os proponentes da cirurgia estética que trivializam alguns aspectos muito importantes da cirurgia estética: os riscos, as dores, a recuperação dolorosa, as cicatrizes. Estes, não definem como superficial a motivação, sobretudo feminina, pela escolha. Do outro lado, há os oponentes que enfatizam a plasticidade dessas opções, futilidade, e ignoram os efeitos

que, para algumas mulheres as transformações podem gerar. É bem verdade que,

a relação com o corpo implica em opiniões contraditórias. Os adversários da cirurgia estética recusam-se em dar ao corpo uma importância que valha a pena modificar. [...] Os partidários da cirurgia estética, por sua vez, acreditam que a forma corporal é uma realidade cujo papel na vida cotidiana está longe de ser pequeno. A cirurgia, aqui, é um elemento importante para o equilíbrio psicológico e seus desdobramentos: o casamento feliz, o sucesso profissional. (Del Priore, 2000, p. 80)

A cirurgia plástica é o modelo de um procedimento que busca atender o “projeto do corpo”, conceitualizado nas reflexões contemporâneas que visa alinhar as manipulações do corpo de acordo com o sentido e expressão do eu. A produção do corpo nesse sentido pode aparentar ser uma iniciativa individual, mas situa-se num contexto cultural e histórico muito específico. Pelas feministas foi tida como uma tecnologia de dominação, uma máxima de colonização do corpo feminino, uma nova forma de submetê-lo a um ideal de beleza com “pobres” mulheres vítimas da ideologia dominante masculina e do bombardeio de imagens de perfeição

corporal. Focando na questão da agência para se decidir pela cirurgia estética, Naomi Wolf, que presenciou o início da banalização da cirurgia estética nos anos 30, define esta como um assalto ao corpo feminino e insiste em ser um tipo de manipulação cultural (Wolf, 1992; Eskenazi, 2007). Numa analogia entre as preocupações com o corpo e a beleza como o evangelho de uma nova religião, o cirurgião é visto pelas seguidoras da seita como um sacerdote com tanta habilidade quanto o corpo materno, capaz de dar luz a uma nova criatura. Para ela, não só a cirurgia deve ser entendida como uma ideologia dominante, tanto quanto a beleza, que em suas palavras consiste em mais um mito que veio para substituir os outros que dominavam o corpo e a vida da mulher: o mito da maternidade, da domesticidade, da passividade. A cirurgia estética é então um instrumento político que buscaria refrear a liberdade feminina numa época em que as mulheres têm conseguido vencer os obstáculos legais e materiais, abrir brechas na estrutura de poder e uma nova forma de se lidar com o corpo, devido ao controle da reprodução. Ter a cirurgia estética como uma simples forma de submissão à vontade masculina ou sucumbência

a uma ideologia parece pelo menos simplista demais, é reduzir a capacidade dos indivíduos de assimilarem as mensagens que são compartilhadas, interpretá-las e terem uma atitude crítica frente às opções que são apresentadas, além de não direcionar a uma solução para a questão do corpo na modernidade, somente alocar o problema sob outro ponto de vista. Sem levar em consideração que as teorias feministas deixam em aberto a relação da mulher com seu próprio corpo e os riscos conscientes que as novas práticas de manipulação corporal podem gerar em favor dos aparentes benefícios físicos e sociais.

A dimensão que o culto ao corpo tem adquirido no Ocidente encontra na cirurgia estética um procedimento capaz de reforçar a ênfase na atração física e integrar o indivíduo aos outros (Negrin, 2002). A cirurgia estética não modifica somente a aparência, em sua maioria de mulheres, bem que esta seja cada vez mais aceitável entre os homens e em crescimento (Davis, 2002), acarreta transformações na subjetividade individual propiciando condições para mudanças repentinas na forma do indivíduo se relacionar consigo e com o mundo exterior simbolicamente. Sendo consentido de obter o corpo

desejado devido às opções sustentadas pela medicina moderna, tem a capacidade de ajudar a reafirmar a autonomia individual em sua construção pessoal com rapidez dos resultados. Ao fechar os olhos e conceber um eu e ao abri-lo encontrar algo totalmente divergente, decepcionante, o indivíduo é motivado a minimizar o real sentido de si mesmo. Citando Kathy Davis em *Reshaping the female body: the dilemma of cosmetic surgery* sobre o envolvimento das mulheres em cirurgia estética, ela conclui não ser uma questão de beleza, sim uma questão de

[...]identidade. Para uma mulher que se sente presa em um corpo que não se encaixa no sentido de quem ela é, a cirurgia cosmética se torna uma forma de renegociar a identidade através de seu corpo. A cirurgia cosmética se trata de um exercício de poder debaixo das condições que não são do próprio fazer. No contexto de possibilidades limitadas para ação, a cirurgia cosmética pode ser um caminho para uma mulher dar forma a sua vida à medida que dá forma ao seu corpo. (apud Negrin, 2002, p.24).

Nesse sentido, uma intervenção cirurgica que dura algumas horas mais um considerável tempo de recuperação tem condições de afetar a existência individual tendo como referência a história pessoal, através da modificação de uma parte ou mais de seu corpo. Volta à tona o jogo

que consiste em garantir a melhor presença do indivíduo na sociedade, de acordo com a adequação aos qualitativos valorizados culturalmente. A cirurgia estética, por se situar numa ampla gama de procedimentos médicos oriundos do avanço da tecnologia, práticas e discursos –

tanto publicitários quanto médicos – que definem o corpo como “deficiente” e em necessidade de transformação/atualização contínua (Davis, 2002; Negrin, 2002; Goldenberg, 2007a) revolveu-se parte do discurso do design corporal, ocasionando o “sentimento de que a soberania relativa da consciência do indivíduo [que] deve se estender igualmente à sua aparência e não deixar a carne inculta [...]. O corpo tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio significativo de si” (Le Breton, 2008a, p.29). Então, os procedimentos cirúrgicos deveriam ser vistos ao invés de práticas de beleza, intervenções de identidade? Considerar a cirurgia estética como externalização de um processo anterior e interior, como defendem alguns, seria a melhor alternativa? E quando somos bombardeados com a trivialização das intervenções cirúrgicas estéticas que são

exibidas no mercado de entretenimento, sobretudo americano, os Reality TV como The Swan, Extreme Makeover, I want a famous face, Dr. 90210? Nada no corpo dos participantes desses programas fica sem intervenção médica. Para os médicos, o corpo não é a identidade do sujeito, mas um agregado de várias peças que o indivíduo utiliza, tira ou troca de acordo com o interesse. E a promessas desses programas, reproduzida pelos participantes, é a mesma: através de um novo corpo proporcionar uma nova relação no mundo.

Um modelo “globalizado” é necessário, especialmente sob a égide da indústria cultural norte-americana (séries de televisão, televisão à cabo, Hollywood, marketing, etc.) [...]O corpo feminino é uma guerra permanente para mantê-lo sob controle e dele não retirar os imperativos da beleza. Mas a força dessa injunção consiste em converter este esforço em um gozo permanente para se superar as dificuldades. (Le Breton, 2010a, p. 18).

Trata-se de uma proposta, a exaltação e reafirmação de uma preocupação contemporânea: o corpo como valor, como capital, como orientação da vida do indivíduo, que mostra que a adesão à cirurgia estética devido à submissão ao domínio do masculino nem resultado exclusivo da cultura de consumo.

Por fim, discorrer sobre o *bodybuilding* nesse trabalho se faz importante pois este é o elemento central da cultura contemporânea do corpo, afirma Courtine (Sant’anna, 1995) e seus adeptos são facilmente reconhecidos na forma em que exibem seus corpos na rua. Estes desfilam os músculos que foram conquistados através de muito trabalho e esforço. Levam em conta o desenvolvimento físico e estão unidos em busca de um projeto corporal estético. Com o *boom* do *fitness* durante os anos 80 nos Estados Unidos, o corpo definido pela atividade física passou a ser valorizado, sobretudo entre os homens e não se limitou ao *bodybuilding* atingindo, como veremos, a preocupação geral com o corpo e sua definição muscular. Os *bodybuilders* eliminam do próprio corpo o “parasita” da gordura corporal, cedendo espaço para a exibição de uma massa muscular conquistada conjuntamente com uma alimentação rigorosa, disciplinada e aliando outros esforços que demandam horas do dia, uma liturgia que não oferece tréguas e exige constante consagração (Le Breton, 2008a), sentindo-se os agentes responsáveis pela conquista do corpo perfeito. Para reduzir as incertezas do mundo ao seu entorno, o *bodybuilder* descobre no corpo a forma de

assegurar a identidade que sente ameaçada. Não estão preocupados com o tamanho do corpo e dos músculos, ao contrário do senso comum, mas elaboram o corpo de forma diversa dos outros praticantes e buscam também por resultados diversos. Gestor de seu corpo, obssecado pelos “invólucros corporais [...] [experimenta uma] ansiedade frente a tudo que na aparência apareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo”. (Sant’anna, 1995, p.86), a existência em prol dos músculos e da aparência, do corpo *alter ego*.

O relacionamento intenso com o corpo proporciona aos indivíduos a sensação de gozo, de estar em perfeita harmonia com o mundo, uma recompensa à todo sacrifício e esforço (Le Breton, 2000), tornando-se dependentes da apreciação de uma musculosidade excessiva. Todavia

os *bodybuilders* não são somente apreciadores da superfície corporal, do espetáculo realizado no corpo. A cultura do corpo, que não se limita ao *bodybuilding* mas se insere no projeto corporal e suas múltiplas facetas, está presente nos Estados

Unidos e é mundializada consistindo em “uma repuritanização dos comportamentos, cujos signos, de modo mais ou menos explícito, multiplicam-se hoje” (Sant’anna, 1995, p.105). Remetendo à ética puritana, eles possuem um compromisso ascético para conquistar uma musculosidade substantiva em busca da construção do corpo. Não parando nesse ponto, entre os praticantes há uma diferenciação corporal, uma heterogeneidade. Enquanto para o senso comum não passam de um saco de músculos, todos iguais, os bodybuilders possuem percepções corporais distintas, avaliações diferentes do corpo musculoso, o que torna o projeto do corpo, dentre eles, não idêntico, sim variável (Monaghan, 1999). O cuidado com o corpo muitas vezes aparenta ter levado à uma espécie de alienação, numa sociedade que claramente afirma classificar e selecionar os indivíduos através do corpo e da aparência. A plasticidade do corpo é um lugar comum e deve refletir as tendências, mesmo momentâneas, tornando frágil a identidade do sujeito.

### **Considerações finais**

Na dualidade corpo-sujeito, bem disse Le Breton (2008a; 2008b), atuar sobre uma das

partes gera consequências sobre a outra, apenas lembrar que o corpo alter ego também pode ser entendido como um reflexo do eu. Os indivíduos então percebem seus corpos como uma arena onde todas as possibilidades de seu imaginário tornam-se possíveis, e a despeito da genética, a questão corporal aparenta depender mais das alterações feitas individualmente e pelo estilo de vida. Como o corpo suporta investimentos de todas as ordens, tal maleabilidade sustenta a sensação do corpo ser seu. A possibilidade de transformar a essência do homem numa consequência do trabalho sobre seu corpo desencadeia uma fantasia no imaginário social que leva os indivíduos a pensarem que uma massagem, meditação, cirurgia, controle dietético, em suma, o *body business*, entre incontáveis outras opções disponibilidades comercialmente, podem modificar a existência do sujeito. Não se trata só de transformar o físico, mas de um destino que está, literalmente, aos cuidados de cada um. E na busca desenfreada pela felicidade muitos sacrifícios são legitimados para que o sucesso, a alegria, o bom emprego, o bom casamento sejam conquistados. E o corpo é o caminho. Pensando que ao modificar o olhar sobre

si alterará o olhar dos outros, de forma a viver plenamente, o indivíduo contemporâneo visa minimizar o desvio experimentado entre si e si personalizando seu corpo, pois crê que ao mudar o corpo mudará radicalmente sua condição de existência, sua identidade e seu destino.

O corpo é o que poder dar essa certeza ao sujeito. Assim, percebe-se que formas inéditas de socialização surgem e colocam o corpo como lugar de discurso privilegiado que carrega signos efêmeros. Estes signos tornam-se cada vez mais importantes no Ocidente. Quando tudo se torna incerto, os limites são trazidos para próximo de si, a única certeza que resta ao indivíduo também se encontra em alicerces instáveis, seu corpo. Ainda assim é por meio dele que o indivíduo tenta desenvolver-se intimamente, buscando explorar a si mesmo e encontrar novas sensações, muitas dessas extremas. Cada alteração no corpo é razão suficiente para se pensar cuidadosamente nos cuidados que se deve ter para deixar o corpo da forma que se deseja. Por isso uma quantidade de obrigações surgem para auxiliar o indivíduo a se enquadrar, se socializar, ser reconhecido e valorizado.

Novamente, considerando a efemeridade dos signos compartilhados, o indivíduo deve renovar constantemente se renovar, se moldar à tendência do momento. Assim como uma propriedade individual que já percebemos ser o corpo atualmente, este também está vulnerável a ser mais ou menos valorizado dependendo do contexto. E como a identidade pessoal possui raízes em um objeto instável- o corpo- então a qualquer instante o indivíduo deve estar preparado para responder às demandas pessoais do momento, alterando o corpo e alterando, logo, seu eu. Diria-se que as ambições da modernidade não são modestas: mudar de corpo para mudar o eu e o rumo da vida. Nesse sentido, este corpo fragmentado tem ainda mais justificativas para ser manipulado.

### **Referência Bibliográfica**

ANDRIEU, Bernard. *A nova filosofia do corpo*. Tradução Elsa Pereira. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. 179 p. (Coleção Nova Epistemologia do corpo)

ANDRIEU, Bernard. *Corps: cultes du corps*. Encyclopédia Universalis, 2008. Disponível em: <<http://www.universalis.fr>> . Acesso em: 02 mar. 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995. 213 p. (Coleção Ciência e Sociedade).

BRUMBERG, Joan Jacobs. *The body project: an intimate history of American girls*. New York: Random House, 1997. 267 p.

DAVIS, Kathy. "A Dubious Equality": men, women and cosmetic surgery. *Body & Society*. Vol. 8(1). p.49-65, 2002.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2000. 2 v. 108 p. (Série Ponto Futuro)

DOUGLAS, Mary. *Natural Symbols: Explorations in cosmology*. 2nd ed. New York: Routledge, 2007. 194 p.

ESKENAZI, Loren. *More than skin deep: exploring the real reasons why women go under the knife*. 1st edition. New York: HaperCollins Publishers, 2007. 168 p.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernidade*. Tradução: Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 223 p. ( Coleção Cidade Aberta: Série Megalópolis).

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*.

Barueri,SP: Editora Estação das Letras e Cores, 2007  
a. 176 p.

GOLDENBERG, Mirian. *Nu e vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2007 b.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. 152 p. (Coleção Trans)

LATOUR, Bruno. *How to talk about the body? The normative dimension of science studies*. Body and Society. Vol. 10. p. 205- 229, Sage Publications, 2004.

LE BRETON, David. *Playing symbolically with death in extreme sports*. Body and Society. Vol.6 (1). p. 1- 11. Sage Publications, 2000.

LE BRETON, David. *La sociología del cuerpo*. 1ed. Buenos Aires, Argentina: Nueva Vision, 2002. 110 p. (Colección Claves)

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Tradução Marina Appenzeller. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008a. 240 p.

LE BRETON, David. *Antropología del cuerpo y modernidad*. 1.ed.4 reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2008b. 256 p.(Colección Cultura y Sociedad)

LE BRETON, David. *Construção de emoções*. Entrevistador: Anderson Fernandes de Oliveira. Edição

23, 2009 . Disponível em <<http://www.psiquecienciaevida.com.br>> . Acesso em: 14 fev. 2010.

LE BRETON, David. *Pluralité de la beauté féminine aujourd'hui*. In: Les beautés du corps: 2010– 2020. Les cahiers de l'Observatoire Nivea: Hors Serie, jan. 2010a. p. 16–20.

LE BRETON, David. *Entrevista com David Le Breton*. Estrasburgo, França. [fev. 2010]. Entrevistadora: Duarte, Bárbara N., 2010b. 1 CD. (40 min.)

LE BRETON, David. *D'une tyrannie de l'apparence : Corps de femmes sous contrôle* ( a publicar em jun. 2010c, Editora PUF)

LÉVY, Joseph J. *Entretiens avec David Le Breton*. Montréal–Paris: Téraèdre, 2010. 187 p. (Collection [Ré] Édition)

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004. 294 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. New York and London: Routledge Classics, 2008. 544 p.

MONAGHAN, Lee. Creating “The perfect body”: a variable project. *Body and Society*. Vol.5 (2–3). p. 267– 290. Sage Publications, 1999.

NEGRIN, Llewellyn. Cosmetic Surgery and the eclipse of identity. *Body and Society*. Vol.8 (4). p. 21-42. Sage Publications, 1999.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). Políticas do corpo : elementos para uma história das práticas corporais. Tradução Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. 190 p.

TOURAINE, Alain. Crítica da modernidade. Tradução Elia Ferreira Edel. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 431 p.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 439 p.

**ABSTRACT:** The Humanism and the Modernity opened up a new possibility to think about the body as we understand nowadays: a raw material in which personal identity is weakened, no more a priori foundation of man's identity. Attached to it new ways to lead with the body have emerged, especially with the development of techno science. Nevertheless, indicating some of modernity's paradoxes as a methodological approach as suggested by Latour, the scope is run through the Western legitimized speech, conceptions, and models to the world, which has an apology to the *alter ego* body, according to Le Breton, referring briefly to the body business. Asserting to the Puritan ethic of individual salvation through self-discipline of the body in addition to the scientific knowledge, it is offered to society beneath the sign of a Messianic promise: the body is the truth and the way. It is not about only body modification, as it reflects the modern constant investment in the exteriority willing to reach the interiority. **Keywords:** Modernity, body business, *alter ego*.

